

REPRESENTAÇÕES E PROBLEMÁTICAS SOCIOCULTURAIS NO CONTO *FELIZ ANO NOVO*, DE RUBEM FONSECA¹

REPRESENTATIONS AND SOCIOCULTURAL ISSUES IN THE SHORT STORY 'HAPPY NEW YEAR' BY RUBEM FONSECA

Eduardo Bertagnolli² e Vera Elizabeth Prola Farias³

RESUMO

O trabalho representa e problematiza no conto *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, o contexto de complexidade do campo sociocultural da sociedade brasileira, permeada por profundas diferenças sociais. Consideram-se, na presente pesquisa, quatro tópicos básicos atrelados à própria natureza da ficção (brutalismo, ética na banditagem, erotismo e as práticas sociais atreladas à voz das margens). Diante dos tópicos, a pesquisa “identifica” as várias faces éticas e socioculturais conflitantes na própria narrativa, construindo um elo entre o cenário social brasileiro e a ficção. Sob a análise estabelecida, conclui-se que Rubem Fonseca, com o conto *Feliz Ano Novo*, foi um divisor de águas na literatura brasileira, pois apropriou-se sem pudor das vozes, do ritmo de vida e das temáticas das periferias, evidenciando”, por meio da ficção, complexidades apresentadas na literatura em relação ao cunho social e cultural existentes nas relações sociais do Brasil.

Palavras-chave: brutalismo, literatura, sociocultural.

ABSTRACT

This paper aims to present and discuss the context of complexity of the sociocultural field of Brazilian society, which is permeated by profound social differences, in the short story 'Happy New Year' by Rubem Fonseca. The study took into consideration four basic topics linked to the very nature of fiction (brutalism, the ethics of banditry, eroticism and social practices linked to voices from the margins). Based on these topics, the research identified many of the ethical and sociocultural conflicting sides in the narrative itself, building a link between the Brazilian social scenario and fiction. The analysis showed that Rubem Fonseca, with the short story 'Happy New Year', marked a watershed in the Brazilian literature because he shamelessly reproduced the voices, the rhythm of life and the themes of the outskirts. Therefore, the author demonstrated through fiction the complexities presented in literature regarding the existing social and cultural nature of Brazilian relations.

Keywords: *brutalism, literature, sociocultural issues.*

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do Curso de Letras - Língua Portuguesa - Centro Universitário Franciscano.

³ Orientadora. Docente do Curso de Letras - Língua Portuguesa - Centro Universitário Franciscano.

INTRODUÇÃO

Percebe-se, no Brasil, que o período entre a ditadura militar e o presente momento democrático não serviu para amenizar o preconceito às diversas práticas sociais ou segmentos específicos, os quais, muitas vezes, reproduzem a realidade de um determinado lugar ou grupo social, que está às margens da sociedade. Nesta pesquisa usar-se-á como base para análises e exemplificações o conto *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca.

Mineiro de Juiz de Fora, José Rubem Fonseca se formou em Direito na UFRJ. Antes de ingressar no campo literário, Fonseca trabalhou muitos anos na polícia, atuando como comissário.

Na década de 70, Fonseca vivenciou toda intolerância e hipocrisia da censura na ditadura militar brasileira. Na época, o autor lançou seu livro de contos *Feliz Ano Novo*, que foi retirado das prateleiras pela alegação de conter cenas fortes e vocabulários de baixo calão. No entanto, Fonseca defendeu sua produção literária em juízo, tendo Afrânio Coutinho como seu relator de defesa na ação ordinária movida por Rubem Fonseca contra a União Federal, devido à censura do seu livro de contos.

Autor contemporâneo, Fonseca constitui nas suas narrativas um campo muito rico e diferenciado no que tange às representações do cotidiano, as quais são narradas sempre por meio de vocabulários “crus e enxutos”.

Ressalta-se que Fonseca tem o prestígio e o devido reconhecimento, hoje em dia, justamente porque, na época do lançamento de *Feliz Ano Novo*, ele inovou a literatura, conseguindo fixar, de maneira segura, uma nova linguagem direta, peculiar e realista, em que não “maquia” ou romantiza a violência. Mesmo assim, entende-se que o autor conseguiu essa renovação sem um afastamento que julgasse e, por consequência, sugerisse uma leitura moralizante dos fatos e episódios narrados.

O conto *Feliz Ano Novo* aborda essas representações do cotidiano de forma muito direta. No conto em questão, aparecem todas as classes, mas, logicamente, o autor dá destaque e voz àqueles desprestigiados socialmente e marginalizados, ou seja, pessoas sem valor para a cultura dominante, a qual insiste em deixá-los, década após década, excluídos do convívio social cidadão e democrático.

OBJETIVOS

Nesta pesquisa, o objetivo foi problematizar, pelo viés da literatura, alguns tópicos relacionados às complexidades socioculturais existentes em nosso país, considerando que a literatura é a representação simbólica dessas práticas. A pesquisa dar-se-á por meio de uma das narrativas de Rubem Fonseca, o conto intitulado *Feliz Ano Novo*, o qual, também, foi título de seu livro de contos, publicado em 1975.

Pretende-se com esta pesquisa identificar as várias faces éticas e socioculturais conflitantes na narrativa, assim, referindo-se aos inúmeros aspectos sensíveis à própria natureza da ficção.

Nesse intento, apontar-se-á o “compromisso” do escritor em delimitar um posicionamento ético frente ao universo que descreve, sem abrir mão de sua liberdade de expressão diante da arte.

O BRUTALISMO NO CONTO *FELIZ ANO NOVO*

Em *Feliz Ano Novo*, podemos observar um enredo bastante conhecido, pois o conto refere-se a assaltantes que invadem uma comemoração de réveillon em um bairro nobre. Na ocasião, cometem torturas e assassinatos, ou seja, um retrato do cotidiano, que é facilmente, encontrado nas páginas policiais dos jornais brasileiros das últimas décadas.

O que deixa o leitor mais atônito, no conto em questão, não é apenas a violência em si, mas a maneira como é apresentada aos olhos do leitor, pois o conto “transcreve” fielmente, a visão e a linguagem dos criminosos, sem a presença direta de uma voz ou até mesmo de um personagem que os julgue ou os condene.

Logo após o lançamento do livro, a ditadura avaliou e tachou de pornográfico o conto *Feliz Ano Novo* proibindo, assim, sua circulação e recolhendo os exemplares restantes. No entanto, tem-se que ter o discernimento e o entendimento de que a literatura é e sempre foi expressão livre, que, segundo Coutinho (1979, p. 49), “retrata ou reflete também os costumes da sociedade onde surge, sejam eles “bons” ou “maus””.

O “brutalismo” foi um termo denominado por Bosi (1978), configurando um campo social de violência, descaso, individualismo, corrupção, etc. Desse modo, a “literatura brutalista” abarca características peculiares, como: personagens marginalizados, violência urbana, exclusão social, abandono do poder público, linguagem das margens, entre outras.

Rubem Fonseca, de certa forma, deu início a essa vertente “brutalista” na literatura brasileira. Normalmente, os contos deste autor são estruturados em uma narrativa aparentemente policial que, entre outras coisas, infere papel e voz aos personagens. Entende-se a maioria dos contos de Fonseca como narrativas policiais, pois os principais personagens de seus contos estão atrelados a delegados, detetives, inspetores e advogados.

Nos contos de Fonseca, os personagens marginalizados sempre agem com frieza e perversidade, sem nenhum remorso aparente e com características de um ser humano vazio de sentimentos e hostis ao mundo. No entanto, podemos dizer em uma analogia comportamental que os personagens de classe superior, nos contos de Fonseca, também são apresentados como seres insensíveis e sem nenhum remorso aparente, pois não manifestam nenhum sentimento de compaixão diante das mazelas humanas e da desigualdade social, e para esse tipo de dualismo (rico e pobre) e paralelismo (gelidez do marginal e do abastado), o autor deixa muitas questões nas entrelinhas, a fim de que o leitor as desvende.

Bosi (1978) aponta para o “realismo brutalista” como uma decorrência da violência desenfreada, obviamente, por vezes, devida à miséria humana e material, além das contradições sociais gritantes, bem como é possível deparar-se no conto *Feliz Ano Novo*.

No trecho a seguir, consegue-se perceber a “veia” latente da violência brutalista, regida pelo ódio, o qual é inflamado, nesse caso, pela discrepância das classes sociais e das condições de vida.

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem, não faremos nada.

Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço.

Podem também comer e beber à vontade, ele disse.

Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco.

Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro.

[...]

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. Viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma. Tem que ser na madeira, numa porta. Parede não dá, Zequinha disse...

Você aí se levante, disse Zequinha. O sacana tinha escolhido um cara magrinho, de cabelos compridos. Vê como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira... (FONSECA, 1975, p. 16-17).

A ÉTICA NA BANDIDAGEM EM *FELIZ ANO NOVO*

Na contemporaneidade, pode-se dizer que a definição de “ética” está em um campo muito “movediço”, pois existem vários conceitos atrelados à definição do que é, realmente, a ética e seus valores circundantes.

Nietzsche (2005) analisa os valores éticos, não atribuídos à razão, mas, sim, à emoção; conseqüentemente, inexistindo as noções absolutas de bem e mal. Para o filósofo, as concepções morais são determinadas pelo próprio ser humano e seus interesses e necessidades, ou seja, são produtos histórico-culturais.

Nesse intento, não se pode afirmar, por exemplo, que a ética seja antagônica ao crime, pois dependemos de vários aspectos socioculturais e religiosos (ocidentais ou não) para estabelecer práticas consideradas éticas por um determinado grupo, ou seja, o que é uma conduta ética para uns, pode não ser para outros, e vice-versa.

Desse modo, observam-se várias formas de consolidação da ética entre os bandidos. Quem nunca ouviu falar nos tribunais do crime, os quais decapitam estupradores ou queimam vivos os delatores nos chamados “micro-ondas humanos”? Na área do Direito, esses episódios são tratados como tribunais *de exceção*.

O Brasil, por ser um estado democrático de direito, aboliu os *tribunais de exceção*, segundo o inciso XXXVII do artigo 5º da *Carta Maior*:

No entanto, por não serem legitimados pela própria Constituição, os *tribunais de exceção* ainda existem no Brasil, por meio do mundo obscuro do crime e da corrupção. Provas vivas deste *tribunal* são os testemunhos de moradores das camadas pobres, os quais, muitas vezes, ficam sob o “governo” de traficantes ou milícias, por causa da ausência histórica do poder público nessas comunidades e da corrupção política e policial.

Conforme Furtado e Vasconcelos (2014), “os tribunais do tráfico gozam de uma estrutura relativamente organizada, com institutos análogos aos oficiais, porém utilizados de uma forma deturpada”.

Em *Feliz Ano Novo*, observa-se um possível deslize de alguns bandidos e a consequente pena imposta pela chefia do crime, castigos, supostamente, impostos por policiais criminosos e corruptos, pois, no conto, Zequinha refere-se a “os homens”, que, na gíria marginal, muitas vezes, são da própria classe policial:

Pra falar a verdade a maré também não tá boa pro meu lado, disse Zequinha. A barra tá pesada. Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesesseis tiros no quengo. Pegaram o Vevé e estrangularam. O Minhoca, porra! O Minhoca! Crescemos juntos em Caxias, o cara era tão míope que não enxergava daqui até ali, e também era meio gago - pegaram ele e jogaram dentro do Guandu, todo arrebetado (FONSECA, 1975, p. 11).

O conto aborda também a ética no que tange ao respeito que a bandidagem tem mutuamente. Observa-se num outro plano que Fonseca, sutilmente, faz menção à homossexualidade masculina em meio ao nicho marginal.

Desse modo, percebe-se no trecho a seguir, uma cena que nos remete a um início de debate preconceituoso entre os criminosos acerca da sexualidade de um dos líderes do grupo. No entanto, esse debate é prontamente rechaçado pelo líder momentâneo do grupo, e a conversa encorpada de preconceito encerra-se no mesmo instante, prevalecendo a ética e o respeito referente à opção sexual do personagem Lambreta.

É, mas dizem que ele dá o bozó, disse Zequinha. Não sei se dá, nem tenho peito de perguntar. Pra cima de mim nunca veio com frescuras. Você já viu ele com mulher? Disse Zequinha. Não, nunca vi. Sei lá, pode ser verdade, mas que importa? Ainda mais um cara importante como o Lambreta, disse Zequinha. Cara importante faz o que quer, eu disse. É verdade, disse Zequinha. Ficamos calados, fumando. (FONSECA, 1975, p. 12-13).

Em uma das cenas do conto após o latrocínio, os bandidos dão início aos preparativos para a comemoração do ano novo com as comidas e as bebidas roubadas no assalto à mansão. Um dos integrantes do bando monta a ceia, à espera de seu colega de crime, para que todos possam confraternizar juntos. Ainda no intento acerca da ética, nota-se, na cena a seguir, uma conduta ética por parte de um dos marginais, atrelada aos bons costumes e à boa educação: “Subimos. Coloquei as garrafas

e as comidas em cima de uma toalha no chão. Zequinha quis beber e eu não deixei. Vamos esperar o Pereba!” (FONSECA, 1975, p. 18).

O EROTISMO EM *FELIZ ANO NOVO*

O conto *Feliz Ano Novo* foi censurado na década de 70 pela ditadura militar, por conter “pornografias” e palavras de baixo calão. No entanto, a censura literária não se limitou apenas aos “anos de chumbo”.

Em meados de 2009, no estado do Paraná, três títulos trabalhados com alunos de ensino médio foram censurados pelo vereador e, também, diretor de uma escola local, Jair Brugnago. Segundo ele, as obras não seriam adequadas para adolescentes, pois o erotismo presente nos livros trazia termos classificados, por Brugnago, como “pouca vergonha” (SIMAS; DUARTE, 2009).

Dentre outras questões, sabe-se que a literatura não tem compromisso com preceitos morais, sociais, religiosos, políticos, culturais, ideológicos etc. Sabe-se, também, que em cada época distinta, são imputadas à literatura naturezas e funções diversas, as quais são, normalmente, atreladas à realidade cultural e social da época em questão.

Rubem Fonseca, no conto *Feliz Ano Novo*, foi fiel ao “conceito” de literatura, pois em sua arte o autor recriou a realidade a partir de sua própria visão, baseando-se em suas habilidades narrativas, seus sentimentos e sua sensibilidade, ou seja, em nenhum momento o autor levou em consideração, por exemplo, os preceitos morais “afiados”, existentes no regime da ditadura, no qual ele estava inserido na época de lançamento do livro. Desse modo, em nenhum momento Fonseca “maquiou” ou omitiu as cenas de erotismo em sua produção literária.

Nossa civilização é e sempre foi extremamente erótica. O erotismo na vida humana traz traços bem marcantes desde “Adão e Eva”. Na verdade, o que vem se moldando durante os séculos é apenas a própria cultura, trazendo consigo o passado e o presente enraizados na cultura humana. Segundo Coutinho (1979, p. 17), “a literatura de cunho erótico, sensual ou amoroso é tão velha e espalhada quanto a própria humanidade. A literatura universal é rica em manifestações de sensualismo, erotismo e pornografia.”

O erotismo está diante de nossas vistas diariamente no campo informal, a ponto de não mais causar-nos estranhamento; entretanto, quando colocado em um campo formal, o erotismo muda de figura e nos causa, muitas vezes, além do estranhamento, um desconforto e uma rejeição bastante latente, e é justamente aí que faz morada uma das mais nefastas hipocrisias, humana e social.

A literatura representa, entre outras coisas, o meio social, e nesse meio está presente, também, toda conjuntura erótica. Segundo Coutinho (1979, p. 26), “seria um desastre, igual ao dos incêndios que destruíram boa parte da produção helênica, se fôssemos queimar todos os grandes livros da literatura humana só porque contêm palavrões e cenas eróticas”.

Sabe-se que o erotismo é tão antigo quanto a própria humanidade. Desse modo, a arte, por sua vez, não alivia nada, pois é uma representação humana em suas diversas facetas. Na literatura, não seria diferente, pois, além de ser arte, a literatura está vinculada à sociedade e suas respectivas representações em que se origina.

Nos contos de Rubem Fonseca, a tendência erótica também não seria destoante, tendo em vista que a abordagem é de extrema sensibilidade e de observação fina quanto à captação dos costumes da sociedade, além de ser um escritor realista e impactante. Desse modo, Fonseca expõe nada mais do que a linguagem encontrada nas ruas, nos salões e nas esquinas, ou seja, uma linguagem continuamente criada e recriada através da realidade e do cotidiano de todos os nichos sociais. Portanto, pode-se ressaltar que, se estamos diariamente em contato com a linguagem de calão e de gírias, seria de exorbitante hipocrisia condenar essa linguagem, justo no que tange ao campo literário. Segundo Coutinho (1979, p. 35), “A literatura é a representação da vida tal como ela é. Não existe para ser corretora do que está ocorrendo na sociedade na qual surge”.

AS PRÁTICAS SOCIAIS ATRELADAS À VOZ DAS MARGENS EM *FELIZ ANO NOVO*

Em *Feliz Ano Novo*, os linguajares alusivos ao sexo e de cunho violento têm um sentido atrelado à produção literária em si, não estão ali apenas para impactar, polemizar ou causar estranhamento de maneira torpe ou provocativa; pelo contrário, essas palavras estão ali pelo fato de o autor dar voz à classe periférica e mostrar sua faceta cultural até então não explorada e, conseqüentemente, não representada por meio da literatura no Brasil.

É válido ressaltar, mais uma vez, que Fonseca não criou de maneira completamente autoral as falas, as cenas e os trejeitos verbais do conto; sabe-se que o autor conviveu com a cultura marginal da cidade por muito tempo, visto que exerceu um cargo de comissário (delegado) de polícia no Rio de Janeiro. Portanto, na época, o autor não inventou nada, ele apenas introduziu, reproduziu e revelou, por meio da literatura, o que acontecia ao seu redor, ou seja, reproduziu a voz fiel das margens, com as quais conviveu diariamente, e que, nunca tiveram representação e nem voz. Segundo Coutinho (1979, p. 27), “os contos de Rubem Fonseca, em geral, expõem casos que poderiam ser retirados do “fait divers” dos jornais de todo dia”.

No conto *Feliz Ano Novo*, percebe-se um vasto contraste entre a classe de margem (pobre) e a burguesia (abastada). É de fácil percepção, também, que a classe dominante e o poder público são indiferentes aos anseios das margens e ao que acontece dentro das regiões periféricas.

Veja abaixo um trecho do conto em que o autor dá voz a um dos bandidos, fazendo com que ele explique sua “consciência de inferioridade”, em um lapso de senso de realidade atrelado ao nível de desigualdade social estabelecido naquele momento, fazendo com que se capture mais nitidamente o contexto sociocultural do Brasil, o qual é, e sempre foi, historicamente, um país desigual e de “tensão” constante.

As bebidas, as comidas, as joias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro... (FONSECA, 1975, p. 15-16).

Dessa forma, Fonseca expõe de maneira muito precisa um paralelo entre os poderosos e o sub-mundo citadino das margens, sendo esse paralelo atrelado à temática da violência como uma questão desencadeadora das atitudes, costumes e desigualdades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que foi exposto até aqui, considera-se que Rubem Fonseca seja um dos maiores e mais importantes escritores vivos de língua portuguesa, e também que a sua obra, em particular o conto *Feliz Ano Novo*, seja de suma importância para o contexto sociocultural nacional e para a literatura brasileira. Considera-se, ainda, que o conto em questão é precursor da corrente realista/brutalista brasileira, além de inovador acerca da literatura em relação ao retrato da sociedade onde surge.

Talvez, pelo seu trabalho como comissário (delegado) ou por um tino sensível à realidade, Fonseca conseguiu depurar o linguajar marginal de uma maneira surpreendente, quase como uma transcrição real e ao vivo das vozes marginais.

Pode-se considerar o conto em questão um divisor de águas na literatura brasileira, pois, até então, as escritas literárias brasileiras nos eram apresentadas por um narrador articulado com as vozes mediadas pelo próprio autor. Pode-se dizer que por meio do conto *Feliz Ano Novo*, Fonseca apropriou-se sem pudor das vozes, do ritmo de vida e das temáticas da periferias; dessa forma, “deramando” sobre a sociedade da época toda carga de realismo bruto em relação às margens, as quais nunca foram assistidas pelo poder público, e nem passíveis de compaixão pela classe dominante.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: _____. **O conto Brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

COUTINHO, Afrânio. **O erotismo na literatura**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1979.

FONSECA, Rubem. “**Feliz Ano Novo**”. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.

FURTADO, Luís Felipe Prudêncio; VASCONCELOS, Gabriel. Vedação constitucional do juízo ou tribunal de exceção. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 19, n. 3975, 20 maio 2014. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/28606>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. Tradutor: SOUZA, Paulo Cesar de. **‘Além do bem e do mal’**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

SIMAS, Anna; DUARTE, Tatiana. Censura a livros chega ao Paraná. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 jun. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/fqhmbX>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

